

Por que humanizar o jornalismo audiovisual? Um relato da experiência no projeto de extensão da Sala de Notícias da PUCPR

Criselli Montipó¹, Suyanne Tolentino de Souza²

RESUMO

O projeto de humanização jornalística – desenvolvido na Sala de Notícias do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – busca trazer à tona temas complexos de forma contextual e sensível por meio da narrativa audiovisual. Trata-se de um projeto de extensão em andamento que visa a pesquisa-ação (DIONNE, 2007; THIOLLENT, 2011) e reúne 15 estudantes da graduação, em contraturno. A partir da discussão do termo jornalismo humanizado (IJUIM, 2016a, 2016 b), serão produzidos minidocumentários sobre assuntos que transcendem a mídia tradicional.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Narrativa. Audiovisual. Humanização. PUCPR.

“Não podemos em todos os domínios em que estamos engajados, os da pesquisa e os do ensino, os da mediação social e os das responsabilidades econômicas e cidadãs, atuar juntos para ‘trabalhar para pensar bem’, para construir esse próximo passo que constrói o nosso caminho?”.

Edgar Morin

1. INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem do exercício do jornalismo mobiliza saberes que estão permeados dos desafios da práxis, já refletidos nas Teorias do Jornalismo. Um deles é imersão dos estudantes, desde a graduação, na responsabilidade jornalística de promoção da cidadania. Estabelecida pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o tema é reforçado especialmente quando se refere à defesa dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948).

No Artigo 6º, Inciso XI do documento, tem-se como dever do jornalista: “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias” (FENAJ, 2007).

¹ Mestre e doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: criselli@gmail.com.

² Doutora em Educação (PUPR), Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP). Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: suyanne.souza@pucpr.br

Tal responsabilidade é abarcadora de inúmeros processos – profissionais e pessoais – e exigem do jornalista conexões com o saber-ser e o saber-fazer (SCALLON, 2015) diante do mundo complexo a ser narrado. Afinal, a simplificação e o reducionismo são danosos ao jornalismo e à vida social, entretanto, estão no cerne de paradigmas que constituem a Ciência Moderna. “A simplicidade vê o uno, ou o múltiplo, mas não consegue ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo. Ou o princípio da simplicidade separa o que está ligado (disjunção) ou unifica o que é diverso (redução)” (MORIN, 2006, p. 59).

Por isso, o processo de ensino-aprendizagem do jornalismo é desafiador: precisa romper barreiras e incitar à prática transformadora. Imbuída desta perspectiva, a Sala de Notícias do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) é uma redação convergente e um ambiente de experimentação que permite a produção de conteúdo para múltiplas plataformas.

Atua como polo de desenvolvimento prático na criação, produção, e execução de projetos que têm como foco a informação. Todo o trabalho realizado na Sala de Notícias é acompanhado por professores orientadores e tem o suporte de alunos bolsistas, monitores e voluntários. As atividades desenvolvidas têm caráter interdisciplinar, o que possibilita a troca e a conexão de conteúdos e disciplinas, além de proximidade com a realidade profissional. Neste espaço são gravados programas de televisão e rádio, disponibilizados pela WebTV e web rádio Comunicare. A Sala de Notícias abrange, também, o Lab ON/OFF de Experimentos Jornalísticos.

É dentro deste espaço de aprendizagem que se iniciaram, no primeiro semestre de 2017, as atividades do projeto de extensão Humanização no Jornalismo – que busca trazer à tona temas complexos, de forma contextual e sensível por meio da narrativa audiovisual. Trata-se de um projeto de extensão em andamento amparado na pesquisa-ação que, segundo Dionne (2007), visa mudar dada situação particular levando em consideração a totalidade concreta.

Insere-se, portanto, como um processo de intervenção, que reúne 15 estudantes da graduação, em contraturno. O projeto desenvolveu-se a partir da

discussão do termo jornalismo humanizado (IJUIM, 2016a). O autor sustenta que o jornalismo desumaniza quando: 1) caricaturiza o ser humano; 2) ignora a complexidade do fenômeno; e 3) não reconhece o Outro. É a partir destes princípios que o projeto visa humanizar a narrativa audiovisual com a produção de minidocumentários sobre assuntos que permeiam a sociedade contemporânea, mas que podem ser tratados de forma mais contextualizada e integradora.

2. HUMANIZAÇÃO NO JORNALISMO

O conceito de jornalismo desumanizado, que vem sendo desenvolvido por Ijuim (2016a, 2016b), parte das reflexões de outra pesquisadora contemporânea, Cremilda Medina (2011), para quem a humanização no jornalismo pode ser entendida como um processo de seleção de traços do indivíduo ou de uma situação, com o objetivo de pôr em destaque a vivência humana comum e geral. Assim, se reelabora o conceito de um jornalismo humanizado, quando o repórter:

Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as *dores do mundo* (Dines)³, de empatia, de solidariedade às *dores universais* (Medina)⁴. Como consequência, sua narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão. Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador (IJUIM, 2016b, pp.9-10, grifos do autor).

Ijuim ressalta que para um jornalismo humanizado, como supõe, o fazer jornalístico começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. Para o autor, no trabalho de apuração, o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo, o que envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação. “Na procura da *essência*

³ O autor refere-se à obra: DINES, Alberto. O papel do jornal e a profissão de jornalista. São Paulo: Summus, 2009.

⁴ O autor refere-se à obra: MEDINA, Cremilda. Ciência e jornalismo – da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

dos fenômenos, atribui-lhe *significados*, os *sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a *compreensão* das ações humanas” (IJUIM, 2016b, p. 9, grifos do autor). O autor defende que em sua relação com o mundo, o jornalista deve esvaziar-se de preconceitos “de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir” (2016b, p. 9).

Para isso, é preciso um movimento de alteridade, colocar-se no lugar do outro, como sugere Cremilda Medina em sua obra sobre o ato presencial: “É preciso estar lá onde o caos se manifesta. Não o caos digital, mas o caos real” (2016, p. 269). Para a autora, é crucial uma escuta ativa da experiência coletiva. Por isso, o projeto de extensão visa o agir discente crítico e reflexivo para a produção audiovisual.

A pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) tem o intuito de trazer os estudantes para o centro do processo de aprendizagem de maneira autônoma. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (...). Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2015, p. 30-31). Para o autor, somente se pode assumir um ato comprometido – como é o caso do jornalismo e suas responsabilidades – a quando o profissional é capaz de agir e refletir sobre seu fazer.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO

Os participantes do projeto (que conta com encontros semanais), debruçaram-se, já nos primeiros encontros, na discussão sobre o Jornalismo Humanizado e seu papel na prática jornalística. Partiu-se de algumas questões norteadoras que serviram de base para o processo de pesquisa: Por que humanizar o jornalismo? Quando o jornalismo começa a desumanizar?

Ao longo dos encontros discutiu-se que os Direitos Humanos precisam ser tratados no jornalismo de modo pluralista a partir de uma conexão, afinal, humanizar também é contextualizar. Portanto, definiu-se que o projeto está amparado em valorizar o ser e as histórias por trás dos personagens, e não o

personagem por causa de sua história: ir além das aspas. Também se definiu que sempre que uma pauta busca a humanização, estará amparada no respeito à diversidade. O oposto é sensacionalismo e visa apenas a audiência.

Em todas as discussões iniciais – permeadas de textos-base⁵ dos autores citados anteriormente – percebeu-se que os estudantes demonstram consciência de sua responsabilidade social. Compreendem, desse modo, que o ser humano deve ser entendido no processo jornalístico como ponto de partida e de chegada (IJUIM, 2016b).

Após alguns debates, construiu-se um conceito coletivo, do grupo, do que se trata o jornalismo humanizado: “Narrar a complexidade cotidiana valorizando a singularidade dos personagens a partir de uma abordagem que visa a pluralidade social”.

Também foi definido que o formato documental é o que melhor se adapta ao projeto, já que é capaz de tratar com profundidade assuntos invisibilizados pela mídia tradicional. Ainda no primeiro semestre, foram definidas as características de produção humanizada:

a) Pauta: Contexto social e histórico: conquista de direitos e legislação; ambientação: onde está inserida aquela realidade; compreender o dado: embasamento.

b) Desenvolvimento: Ouvir a fonte: qualidade do ouvir; libertar-se de preconceitos: forma de abordagem diferenciada; e buscar a essência da história: deslocar o "o que" para o "quem".

c) Captação: Escrever, escutar e aprender a interagir.

d) Edição: Evitar a indução: deixar o olhar aberto - sem conclusões e propiciando a interação; menos cortes: possibilitar a transição das fontes; e não adotar o discurso meritocrata.

Os temas discutidos para a pauta foram racismo, homofobia, desigualdade social, mobilidade urbana, educação, subculturas alternativas, sustentabilidade,

⁵ Além dos textos-base, o projeto contou com duas edições do *Papo de Bastidores*, uma com o repórter e produtor de cinema Marcos Freitas e a outra com o professor Jorge Ijuim. As atividades também incluíram a participação no lançamento do filme *Nunca me sonharam*. Ofertou-se uma oficina para o levantamento de dados.

acessibilidade, entre outros. O tema escolhido – educação inclusiva – será o pano de fundo para minidocumentários de 8 a 12 minutos, que encontram-se em fase de pré-produção. O intuito é produzir dois minidocumentários em 2017.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa-ação desenvolvida foi possível perceber a associação entre a ação com a resolução de um problema coletivo que foi levantado já nos primeiros encontros, o que caracteriza esse tipo de pesquisa. O papel das professoras e dos estudantes foi participativo na avaliação das ações, desencadeada em função dos problemas encontrados e, nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem se deu de forma colaborativa, oportunizando a discussão e o “aprender a aprender”, conforme Demo (2008).

O estudo contribuiu para identificar novas experiências na prática jornalística. A problematização das formas de cobertura da grande mídia faz parte da função social do jornalismo e por isso é necessário discutir e apontar novas possibilidades para as coberturas de temas atuais, que não sejam produzidos nas redações e que ocupem os espaços urbanos em seus contextos sociais. A possibilidade da criação de novas rotinas e abordagens que vão desde o levantamento de informações até a edição do material, desenvolvidas ao longo do processo de investigação apontam para a complexidade, permitindo determinar formas mais adequadas às abordagens de diferentes temáticas e conteúdos inovadores.

Assim pretende-se contribuir para as reflexões na área de prática docente, propiciando a reflexão a respeito da apropriação de diferentes metodologias nas atividades de extensão. Esse modelo de intervenção pedagógica, que é resultante da revisão e da atualização de conhecimentos prévios, permite estar mais próximo da realidade dos alunos e alunas, o que exige, sobretudo, experimentação. E esse é o próximo passo que será adotado nas narrativas audiovisuais que irão ser produzidas.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro, 2007.

FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso: 20 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2016a. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/140/182> Acesso em: 16 set. 2017.

_____. **Sobre o jornalismo humanizado**. Entrevista à BORTOLI, Suzana Rozendo. In: Revista Alterjor, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 5-13, maio 2016b. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108/112902>>. Acesso em: 16 set. 2017.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial, mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, Paris, França. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>>. Acesso: 20 ago. 2017.

SCALLON, Gérard. **Avaliação da aprendizagem numa abordagem por competências**. Curitiba: PUCPress, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011